



Compra do pão: introdução à educação financeira para estudantes surdos e estudantes com deficiência visual

Silene Pereira Madalena¹
Luigi Amato Bragança Amorim²
Claudia C. de Segadas-Vianna³
Kátia Machinez da Cunha⁴

Resumo do trabalho: O presente trabalho tem como finalidade descrever, analisar e discutir a aplicação de uma atividade inclusiva envolvendo introdução à educação financeira. A atividade em questão foi desenvolvida e aplicada pelo grupo de pesquisa e extensão “Ensino de Matemática para alunos com deficiência visual e alunos surdos”. Por meio de recursos, estratégias acessíveis e integrativas, alunos de duas instituições, uma delas especializada na educação de estudantes com deficiência visual (IEE-DV) e outra especializada na educação de estudantes surdos (IEE-S), do Ensino Fundamental, puderam manipular materiais e participar ativamente de uma atividade que envolvia situação de compra e venda. Os materiais desenvolvidos pelo grupo consideraram as especificidades de cada público, possibilitando a todos o acesso ao conteúdo proposto. Considerando que a experiência tem repercussão direta na aprendizagem matemática, a atividade consistiu na simulação de compra em uma padaria fictícia, no manuseio de dinheiro e no cálculo de valores e troco. Os resultados indicam a relevância da acessibilidade do material no favorecimento da participação e da aprendizagem dos estudantes. Apontam também dificuldades apresentadas por alguns estudantes para compreender o papel do dinheiro e das operações aritméticas requeridas em situações de compra e venda, o que foi mediado pela atuação dos professores, pelas estratégias empregadas e pelo uso de material acessível e inclusivo desenvolvido pelo grupo.

Palavras-chave: deficiência visual; educação de surdos; educação financeira; matemática inclusiva; material didático.

Introdução

Este trabalho foi desenvolvido por um dos grupos de pesquisa e extensão do Projeto Fundão – Matemática, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nosso grupo, “Ensino de Matemática para alunos com deficiência visual e alunos surdos”, composto por licenciandos e professores de Matemática da universidade, bem como da Educação Básica, do Estado do Rio de Janeiro, atua

¹ INES, silene.madalena@yahoo.com.br.

² IBC, luigiamorim@ibc.gov.br.

³ UFRJ, clausegadas@gmail.com.

⁴ Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais, katiamicunha@gmail.com.



de forma colaborativa, dedicando-se à investigação de estratégias de ensino voltadas para este público. Temos por objetivo desenvolver pesquisas sobre o ensino de Matemática e elaborar materiais que subsidiem professores na melhoria de suas práticas pedagógicas contribuindo, assim, para uma educação matemática inclusiva.

No que se refere às especificidades dos estudantes surdos, é imprescindível considerar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e a língua portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua (L2), conforme estabelecido pelo Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005). Além da perspectiva bilíngue de ensino, é igualmente necessário reconhecer que a visão constitui o principal canal de aprendizagem desses estudantes, dimensão que deve orientar as práticas pedagógicas visuais (Campello, 2008).

De acordo com Bernardo, Garcez e Santos (2019), evidencia-se a importância de recursos táteis, sonoros e manipuláveis voltados à construção de conceitos matemáticos, uma vez que tais materiais ampliam as experiências multissensoriais e favorecem a participação ativa nas atividades de estudantes com deficiência visual (DV). Nesse sentido, o desenvolvimento e a implementação de materiais acessíveis configuram-se como elementos essenciais para a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas, aspecto ao qual nos mantivemos especialmente atentos durante a aplicação da atividade.

Considerando as especificidades desses estudantes, bem como a necessidade de que a escola assegure o acesso à educação financeira como condição para o pleno exercício da cidadania, torna-se essencial oferecer condições para que esse público possa compreender e participar de práticas sociais que envolvem o uso do dinheiro e a tomada de decisões econômicas. Soma-se a isso a importância de reconhecer os contextos sociais e financeiros em que suas famílias estão inseridas, especialmente diante da recorrência de



situações de vulnerabilidade que atravessam muitos desses núcleos familiares, conforme discutido por Goundar e Sathye (2023).

Assim, este relato descreve, analisa e discute a aplicação da atividade intitulada “Compra do pão”, como introdução à educação financeira inclusiva, bem como apresenta os materiais, recursos e estratégias acessíveis e integrativas desenvolvidos para sua realização. Além disso, buscou-se avaliar o material elaborado pelo grupo de trabalho para introduzir os estudantes à educação financeira e observar o tipo de mediação pedagógica necessária para sua efetiva implementação em contextos inclusivos. A atividade, voltada para alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF), foi aplicada em duas instituições, uma delas especializada na educação de estudantes com deficiência visual (IEE-DV) e outra especializada na educação de estudantes surdos (IEE-S).

Educação Financeira no contexto escolar

A Educação Financeira configura-se como um tema de suma importância para a formação de um cidadão consciente e reflexivo, capaz de lidar com as demandas do cotidiano, especialmente aquelas relacionadas ao consumo responsável e à tomada de decisões ponderadas. Essas decisões devem ser fundamentadas em dados analisados de forma crítica, considerando não apenas a autonomia individual, mas também a sociedade como um todo, ancorando-se em princípios éticos, de sustentabilidade e de inserção social.

Embora seja indiscutível essa importância, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998) o ensino da Matemática Financeira aparecia de forma bastante discreta. Apesar de mencionarem a relevância de relacionar a Matemática a situações reais, esse conteúdo não ocupava um lugar central. Por sua vez, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), a Educação Financeira passa a ganhar maior destaque e a ser reconhecida como um tema essencial para o desenvolvimento de competências gerais, especialmente aquelas relacionadas à responsabilidade, à cidadania e ao uso crítico do dinheiro.



A BNCC incentiva a análise de situações reais, como o consumo consciente, o endividamento e o planejamento financeiro. Nesse sentido, as habilidades EF01MA19, EF02MA20 e EF03MA24 desenvolvem o reconhecimento, a equivalência e a comparação de moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro, aplicando esses conhecimentos na resolução de situações do cotidiano envolvendo compra, venda e troca de valores. Já a habilidade EF04MA25 propõe que os estudantes saibam “resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável” (Brasil, 2018, p. 293).

Apesar desses avanços normativos, observa-se que, na população em geral, ainda predomina o desconhecimento de conteúdos relacionados à Matemática Financeira. Entre pessoas surdas ou com DV, essa situação pode ser ainda mais crítica. Tal realidade ocorre por diversas razões, entre elas o modo como, no contexto familiar, a criança acaba sendo poupada das situações cotidianas que envolvem o valor e o manejo com dinheiro, como compras e pagamentos. Além disso, tanto na escola quanto no ambiente familiar, a falta de recursos pedagógicos acessíveis constitui-se como uma barreira que dificulta o desenvolvimento de aprendizagens mais autônomas.

As dificuldades enfrentadas por estudantes com DV em situações cotidianas de compra, como em supermercados, são analisadas por Segadas-Vianna, Amorim e Madalena (2019). Entre as dificuldades, destacam-se a ausência de funcionários disponíveis para acompanhá-los, a falta de acessibilidade nas informações sobre produtos e preços e a impossibilidade de leitura dos rótulos, o que dificulta o acesso a dados como validade, condições da embalagem e valores promocionais. Há ainda obstáculos na hora de pagar, especialmente no reconhecimento das cédulas do real, que não foram elaboradas considerando as necessidades desse público.

Os mesmos autores destacam que, para estudantes surdos, a questão linguística pode constituir um obstáculo em situações de compra, como ao



perguntar onde se encontra determinado produto, solicitar quantidades específicas ou comunicar-se com o caixa sobre formas de pagamento. Em diálogo com as orientações da BNCC (Brasil, 2018), que incentiva a análise de situações reais de compra e venda e o desenvolvimento da autonomia e do consumo consciente, Segadas-Vianna, Amorim e Madalena (2019) propõem atividades práticas de Educação Financeira, como a confecção de cédulas adaptadas para estudantes com DV e a organização de um minimercado escolar para estudantes surdos, possibilitando a simulação de situações de compra, venda e troco.

Nessa perspectiva inclusiva, Pinheiro e Rosa (2018) concluem, a partir de uma pesquisa fundamentada na abordagem da Etnomatemática, que essa abordagem contribui significativamente para o desenvolvimento da Educação Financeira de estudantes surdos, ao valorizar sua cultura e suas experiências cotidianas, favorecendo a construção de significados relacionados ao tema. Os autores enfatizam a necessidade de os professores reconhecerem e valorizarem os conhecimentos trazidos pelos estudantes para a sala de aula, integrando-os ao processo de aprendizagem. Em outro estudo, Goundar e Sathye (2023) destacam que pessoas em situação de vulnerabilidade, como aquelas com DV, enfrentam barreiras no uso de serviços financeiros, o que evidencia lacunas em práticas cotidianas que poderiam ser exploradas como ponto de partida para a aprendizagem escolar. Os autores observam, ainda, que os estudos existentes oferecem orientações limitadas para a superação dessas barreiras.

Diante desse cenário, percebe-se que ainda há necessidade de ampliar discussões e experiências pedagógicas que considerem as especificidades desse público. O relato a seguir propõe-se a contribuir para esse campo, apresentando uma experiência de Educação Financeira voltada à aprendizagem de conceitos introdutórios para estudantes surdos e para estudantes com DV.

Metodologia



O presente relato de experiência buscou compreender como ocorreu o desenvolvimento de uma atividade introdutória à Educação Financeira com estudantes surdos e estudantes com DV dos Anos Iniciais do EF, com base na descrição, interpretação e análise das interações e estratégias utilizadas (Bogdan; Biklen, 1994). Nesse processo, interessou-nos tanto examinar a criação do material didático elaborado para a atividade quanto compreender o tipo de mediação pedagógica necessária para favorecer a construção de significados pelos estudantes. Nosso objetivo não é obter um resultado focado em rendimento por parte dos estudantes, mas sim, compreender de que forma os significados são construídos a partir das experiências vivenciadas.

A atividade “Compra do pão”, planejada, desenvolvida e aplicada de forma colaborativa pelo nosso grupo, ocorreu em uma turma de 1º ano, com cinco estudantes de 6 a 7 anos, na IEE-DV. Por sua vez, na IEE-S, foi realizada em uma oficina de matemática, no contraturno, com treze estudantes do 6º e 7º anos, de 11 a 19 anos. Embora destinada aos Anos Iniciais, a atividade também foi aplicada aos estudantes surdos dos Anos Finais, pois suas defasagens em matemática os aproximavam do nível previsto.

Em ambas as instituições, a proposta consistiu na simulação de uma situação de compra em uma padaria, envolvendo o manuseio de dinheiro e a realização de cálculos simples de adição e subtração para obtenção de troco. A atividade articula-se às habilidades EF01MA19, EF02MA20, EF03MA24 e EF04MA25 da BNCC, anteriormente discutidas, ao mobilizar conhecimentos relacionados ao sistema monetário brasileiro e à resolução de problemas presentes em práticas sociais cotidianas. Além disso, a proposta dialoga com as discussões acerca da educação inclusiva e da educação matemática para estudantes surdos e estudantes com DV, ao possibilitar experiências concretas e contextualizadas de compra e venda. Conforme discutido por Segadas-Vianna, Amorim e Madalena (2019), situações envolvendo transações com dinheiro podem representar



obstáculos para esses estudantes, especialmente quando não há mediações pedagógicas adequadas e recursos acessíveis. Nesse sentido, a atividade buscou favorecer a compreensão das relações entre valores monetários, pagamento e troco por meio de uma abordagem prática, com o uso de materiais acessíveis.

A ficha da atividade era composta, inicialmente, por um enunciado que informava o preço de um pão (R\$ 3,00), seguido de perguntas:

- a) Dadas uma cédula de R\$2,00, uma cédula de R\$5,00 e uma moeda de R\$1,00, como você pode fazer o pagamento sem sobrar troco?*
- b) Pagando com uma cédula de R\$5,00, quanto recebeu de troco?*
- c) E se usasse uma cédula de R\$10,00, quanto receberia de troco?*
- d) Dadas uma cédula de R\$10,00, uma cédula de R\$5,00, duas cédulas de R\$2,00 e duas moedas de R\$1,00. Manoela comprou dois pães. Como ela pagou sem receber troco?*
- e) Com a quantia do item anterior é possível comprar três pães?*
- f) Silene comprou pães e pagou com uma cédula de R\$20,00. Ela recebeu R\$5,00 de troco. Quantos pães ela comprou?*

Na IEE-DV, foram utilizadas moedas em circulação, cédulas de brinquedo adaptadas com a representação dos valores em Braille e com numerais impressos no formato ampliado. Além disso, alguns pães foram levados para a sala de aula, com o intuito de dar significado à situação apresentada. Na IEE-S, a atividade, mediada em Libras, contou com o apoio de slides, priorizando os recursos visuais.

Descrição da atividade na IEE-DV

Iniciamos o encontro nos apresentando, descrevendo nossas características físicas e vestimentas, procedimento fundamental em contextos com estudantes com DV. Em seguida, solicitamos que eles se apresentassem e compartilhassem conosco suas experiências relacionadas à compra e ao conhecimento de diferentes tipos de pães. Logo após, apresentamos os pães que foram levados para a sala de aula: pão de hambúrguer, de cachorro-quente, doce, francês e de forma. Visando



favorecer a participação dos estudantes, eles puderam tocar, cheirar e manusear cada um dos itens, passando-os entre si para explorar textura, formato e tamanho, conforme ressaltam Bernardo, Garcez e Santos (2019). Posteriormente, distribuímos cédulas de brinquedo adaptadas, uma de R\$2,00 e outra de R\$5,00, além de uma moeda de R\$1,00. A proposta inicial era trabalhar pagamento em situações que envolvessem troco. No entanto, durante a aplicação, percebemos que a turma ainda não compreendia essa ideia.

Diante disso, a atividade foi adaptada. A professora da turma sugeriu o uso de palitos para representar unidades, por serem mais adequados ao nível de conhecimento dos estudantes. A composição aditiva ainda não estava consolidada, o que inviabilizava o uso direto de combinações numéricas essenciais à tarefa. Como não havia moedas de 1 real em quantidade suficiente, os palitos passaram a representar essas unidades monetárias, permitindo a contagem individual.

A partir deste momento, passamos a encaminhar a atividade com as seguintes questões: “O pão custa R\$3,00. Como podemos pagar?”; “Se vocês tivessem apenas uma nota de R\$5,00, conseguiriam comprar?”; “Se quisessem comprar dois pães com a nota de R\$5,00 o que aconteceria?”; “Tendo R\$6,00 ao todo, conseguimos comprar 2 pães, mas se quiséssemos comprar mais um pão, quantos reais a mais seriam necessários?”. As respostas revelaram que os estudantes compreendiam a ideia de troca entre dinheiro e produto, mas apresentavam dificuldade na composição de valores. Tal percepção pode ser observada na resposta dada por uma aluna à primeira pergunta supracitada: “Não temos notas de 3 reais”.

Como desafio final, entregamos palitos em quantidade aleatória e solicitamos que descobrissem quantos pães poderiam ser comprados. Ainda com uma certa ajuda, mas com avanços significativos, os alunos agruparam os palitos em conjuntos de três unidades para encontrar o resultado. Ao final, como “prêmio”, os estudantes puderam comer e compartilhar os pães. Apesar da atividade ter



apresentado um desafio além do que estudantes do 1º ano, naquele momento, podiam alcançar, com a readequação das perguntas e o auxílio dos palitos foi possível concluí-la prazerosamente.

Descrição da atividade na IEE-S

Considerando que na IEE-S os estudantes surdos têm a Libras como primeira língua (L1), iniciamos com a apresentação, em língua de sinais, da professora que estaria à frente da oficina e das duas licenciandas, que logo receberam um sinal. Vale destacar que a Libras foi utilizada, durante o tempo em que estivemos ministrando a atividade, como língua de instrução e comunicação com os estudantes, e que a Língua Portuguesa, empregada como segunda língua (L2) na modalidade de leitura e escrita, esteve presente na ficha de trabalho que os alunos receberam, assim como nos slides, obedecendo, desta forma, aos princípios da instituição que atua em perspectiva bilíngue de ensino.

Começamos a atividade lançando algumas perguntas para os alunos: “Quem já foi à padaria sozinho? Tem padaria perto da sua casa?”. Estas perguntas, feitas de forma concomitante às primeiras imagens dos slides preparados para a aula, tinham por objetivo contextualizar o tema do encontro e possibilitar à nossa equipe conhecer experiências anteriores dos alunos em relação ao uso do dinheiro e à sua autonomia para fazer compras. A grande maioria dos alunos sinalizou que não tinha essa vivência e os poucos que disseram já ter comprado pão sozinhos não sabiam exatamente o valor. Quando perguntados sobre o preço de um pão francês, alguns não souberam responder, e outros disseram custar entre R\$5,00 e R\$6,00 a unidade. Em função das respostas dadas, com valores muito acima do preço real, pudemos perceber que os alunos não tinham a real noção do valor do pão.

Sabendo que a visão é o principal canal de aprendizagem dos estudantes surdos, como destaca Campello (2008) ao enfatizar a importância de reconhecer que a experiência visual orienta e sustenta a construção do conhecimento desses



alunos, demos continuidade à atividade “Compra do pão” apresentando slides com imagens de padaria e de diferentes tipos de pão, acompanhados de seus respectivos sinais. Como os estudantes tinham níveis muito distintos de proficiência linguística, as imagens não só mediarão o início da atividade, como possibilitaram ao grupo o compartilhamento de sinais que posteriormente seriam utilizados durante a aplicação da ficha de trabalho.

Essa introdução contou com a participação ativa dos estudantes, pois se levantaram, um a um, para apontar as imagens que indicavam seu tipo de pão preferido. Ainda com o apoio dos slides, a professora mostrou imagens da moeda de um real e das cédulas que fazem parte do sistema monetário brasileiro, acompanhadas de seus sinais e de suas diferentes representações escritas como: um real, 1 real, R\$1,00. Em seguida, os alunos receberam moedas plásticas de um real e cédulas reduzidas. Manipularam o material, lendo informações como valor numérico e por extenso, a cor, o animal e a palavra ‘Brasil’, o que possibilitou a identificação de elementos essenciais das notas, mostrando-se um recurso eficaz para apoiar a construção de significados nesse primeiro contato com a temática.

Essa etapa revelou-se adequada e produtiva para motivar a participação dos estudantes surdos e para introduzir o tema da educação financeira, especialmente no que se refere ao reconhecimento das cédulas do Real. As estratégias utilizadas, articuladas à mediação pedagógica, favoreceram o engajamento dos alunos, que participaram ativamente ao indicar suas preferências e interagir com as imagens apresentadas. A opção por iniciar a atividade com o uso de sinais em Libras, empregados tanto por professores quanto por estudantes, permitiu a familiarização coletiva com o vocabulário específico.

Na segunda parte da atividade, a professora apresentou um pão embalado e, junto com a docente da turma que esteve presente durante a atividade, dramatizou situação de compra e venda para introduzir o vocabulário que seria usado depois. Em seguida, entregou a cada aluno um material impresso com



instruções em Língua Portuguesa, que eram sinalizadas conforme a atividade avançava e também projetadas para que os estudantes acompanhassem e registrassem suas respostas em uma ficha individual de trabalho.

O primeiro item “Marque abaixo como você pode fazer o pagamento sem sobrar troco” era acompanhado das imagens de uma moeda de 1 real e de 2 cédulas, sendo uma de 5 reais e outra de 2 reais. Contudo, mesmo após a dramatização feita pelas professoras, os alunos apresentaram bastante dificuldade em entender o que seria “sobrar troco”. Neste momento, tanto as licenciandas quanto as professoras presentes passaram a atender aos estudantes, em duplas ou individualmente, simulando com eles situações de compra e venda. Notamos o quanto foi fundamental ter os materiais disponíveis para essa simulação: pães ensacados individualmente assim como várias cédulas e moedas. Mais uma vez fica claro que não basta associar uma palavra ao seu sinal: é fundamental que o estudante surdo signifique o que está sendo trabalhado. Desta forma, o vocabulário em Língua Portuguesa junto com os sinais correspondentes, foram sendo (re)apresentados e contextualizados, mais uma vez. A sala de aula, que antes contava com participação dos alunos um a um, tendo a projeção de slides e a professora como referência, passou a ter uma série de ações simultâneas em pequenos grupos. Os professores, distribuídos pela sala, simulavam situações em que os alunos precisavam se alternar nos papéis de comprador e vendedor. Assim que um deles entendia o conceito de troco, imediatamente, queria explicar para os amigos enquanto as dinamizadoras realizavam a simulação com outros alunos: a sala de aula mostrava-se cheia de vida. No fim, percebemos que a maior dificuldade foi a compreensão do que é “dar troco”, e não as formas possíveis de realizar o pagamento a partir da combinação das notas e moedas.

Observamos que a manipulação das moedas e das cédulas, no entanto, não foi o que mais impactou o andamento da proposta; a maior dificuldade apresentada pelos estudantes surdos pareceu estar relacionada à compreensão da ideia de



troco, possivelmente decorrente da pouca vivência desses alunos em situações de compra realizadas de forma autônoma. Assim, a atividade revelou-se mais complexa do que o previsto inicialmente. Contudo, tão logo alguns estudantes compreenderam o conceito de troco, passaram a explicar para seus pares, o que permitiu que o grupo avançasse. Embora muito produtiva, a atividade demandou mais tempo do que havíamos previsto e, por isso, não foi possível concluir todos os itens da ficha de trabalho com os estudantes. Mesmo sem conseguirmos finalizar todas as etapas, os alunos fizeram questão de registrar por escrito, ao menos, os itens trabalhados. Duas alunas surdas, particularmente motivadas, permaneceram na sala até concluírem todas as tarefas propostas, ainda que tenham demandado um nível elevado de suporte.

Considerações Finais

A realização da atividade “Compra do Pão” teve como propósito introduzir os estudantes ao campo da educação financeira, articulando conceitos matemáticos ao cotidiano. Ao longo deste trabalho, descrevemos, analisamos e discutimos tanto a pertinência da proposta quanto o modo como a mediação pedagógica foi conduzida em sua aplicação. A atividade, desenvolvida para estudantes surdos e estudantes com DV, nos permitiu refletir sobre sua adequação a diferentes perfis de aprendizes e sobre os desafios e potencialidades envolvidos em práticas inclusivas. Ressaltamos, contudo, que este estudo se encontra em fase inicial; novas revisões e reaplicações serão realizadas, e, após esse processo, o material será disponibilizado para que possa ser replicado em outros contextos educativos.

Durante a exploração dos materiais que representavam as cédulas e a moeda do Real pelos estudantes, ficou evidente o quanto essa população tem vivido poucas experiências que envolvem a manipulação de dinheiro físico. Embora o dinheiro virtual tenha passado a fazer parte do cotidiano de muitos brasileiros, consideramos fundamental que os estudantes conheçam o dinheiro físico e que compreendam o que de fato ocorre quando lidamos com atividades de compra e



venda. Este conhecimento básico, com o qual muitos estudantes ouvintes e videntes já tiveram contato ao observar ou ouvir seus pais e outros adultos de seu convívio social, precisa ser intencionalmente levado à escola para os estudantes surdos e os estudantes com DV.

Pudemos notar que o *déficit* experiencial tem repercussão direta na aprendizagem matemática. À medida que as experiências sociais deixam de ser vividas ou não são significadas, estudantes surdos e com DV mostram não ter suporte para ancorar novas informações. Assim, a educação financeira, essencial para o pleno exercício da cidadania nos dias atuais, precisa fazer parte, o mais precocemente possível, das atividades de letramento e alfabetização matemática na escola, em especial para o público-alvo da educação especial.

Referências

BERNARDO, F. G.; GARCEZ, W. R.; SANTOS, R. C. Recursos e metodologias indispensáveis ao ensino de matemática para alunos com deficiência visual. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v. 9, n. 1, 2019. (Link externo). Acesso em: 15 fev. 2026.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC, 1998. (Link externo). Acesso em: 02 fev. 2026.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005. (Link externo). Acesso em: 02 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2018. (Link externo). Acesso em: 02 fev. 2026.

CAMPELLO, A. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. (Link externo). Acesso em: 15 fev. 2026.



GOUNDAR, S.; SATHYE, M. Exploring access to financial services by visually impaired people. **Journal of Risk and Financial Management**, Basel, v. 16, n. 2, p. 96, fev. 2023. (Link externo). Acesso em: 05 fev. 2026.

PINHEIRO, R.; ROSA, M. Educação financeira para alunos surdos utilizando uma perspectiva etnomatemática. **Educação Matemática em Revista**, v. 23, p. 229–245, 2018. (Link externo). Acesso em: 05 fev. 2026.

SEGADAS, C.; AMORIM, L.A.B.; MADALENA S. P. A Matemática e o ensino do monetário na educação de cegos e surdos. **Revista Ciência Hoje**, n. 359, 2019. (Link externo). Acesso em: 02 fev. 2026.